

ÁLCOOL: UMA PREOCUPAÇÃO DOS HIGIENISTAS

Camila Zamboni Oliveira
Maria Lucia Boarini

Introdução

O abuso no consumo de bebidas alcoólicas nos dias atuais vem sendo alvo de diversos estudos por ser caracterizado como problema de saúde pública. Segundo Duarte, Stempliuk e Barroso (2009) 1,2% das internações notificadas no Sistema de Informações Hospitalares do Sistema Único de Saúde – SUS, durante os anos de 2001 a 2007, são devido o abuso de álcool e outras drogas. Quanto a comportamentos de risco e de dirigir e/ou pegar carona com motoristas alcoolizados, Malbergier, Oliveira, Amaral, Oliveira e Andrade (2010) apontam que essas condutas prevalecem em universitários, sendo que 18% dirigiram sob o efeito do álcool e 27% pegaram carona com motorista alcoolizado, no Brasil em 2009.

Estes são alguns dados que indicam um abusivo consumo de bebidas alcoólicas na atualidade. Entretanto, este fenômeno não ocorre exclusivamente em nossos dias. Um breve retorno à história indica que a partir do final do século XIX e início do século XX, no Brasil, com o processo de urbanização e industrialização, o uso e abuso do álcool já eram motivo de preocupação.

Fundada no Rio de Janeiro em 1923, pelo psiquiatra Gustavo Riedel a Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM) deu origem ao movimento de higiene mental. O principal objetivo da LBHM era a melhoria na assistência aos doentes mentais através da transformação do atendimento psiquiátrico. A LBHM se empenhou em campanhas antialcoólicas, uma delas foi a *Semana Anticoólica*, criada em 1927, visando combater o consumo de álcool que era visto, naquela época, como “flagelo da humanidade” (Maestri, 2011). Vários estudos e campanhas foram realizados pelas Ligas de higiene mental que se multiplicaram no Brasil.

Assim como a Liga Brasileira de Higiene Mental, a Liga Paulista de Higiene Mental, foi criada pelo Dr. Pacheco e Silva em 1926, no estado de São Paulo, composta por médicos, também tinha por objetivo propagar junto a população do estado as modernas ideias sobre

profilaxia mental. Dentre as inúmeras propostas e intervenções destes grupos, em diferentes setores da sociedade brasileira, investiram de diferentes maneiras no combate ao alcoolismo.

Neste breve retorno a história, percebemos que a preocupação com o consumo abusivo de álcool não é um tema exclusivo dos dias de hoje no Brasil. Desde o início do século XX os higienistas se preocupavam com os problemas que esse abuso causava.

Destarte, é importante compreender como o fenômeno do alcoolismo era pensado naquela época, assim como as medidas que eram tomadas para tentar controlar o consumo abusivo de álcool. Assim, com este estudo objetivamos compreender a dependência química, aqui representada pelo álcool sob a lente do ideário da higiene mental e da eugenia, na primeira metade do século XX, no Brasil. Este é um dos estudos desenvolvidos pelo GEPHE – Grupo de Estudos e Pesquisa sobre o Higienismo e o Eugenismo, devidamente inscrito no CNPq.

Método

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica e documental. Como fonte primária recorreremos aos *Archivos Paulistas de Hygiene Mental*, criado pelo médico Antônio Carlos Pacheco e Silva. Este periódico foi publicado semestralmente pela Liga Paulista de Higiene Mental, e visava esclarecer as principais questões relacionadas à higiene mental. Neste estudo pesquisamos os *Archivos Paulistas de Hygiene Mental* publicados entre os anos de 1928 e 1930. Pesquisamos também artigos, teses e/ou dissertações que relacionem o fenômeno do alcoolismo e higienismo, encontrados em periódicos hospedados em bibliotecas virtuais como Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PePSIC), Scientific Electronic Library Online (SciELO), Portal periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). A pesquisa nos periódicos foi dirigida através da busca por palavras-chave: alcoolismo e higienismo. Os passos no desenvolvimento desta investigação são os seguintes: 1) Levantamento da situação em relação ao consumo de álcool na atualidade; 2) Levantamento da situação em relação ao consumo de álcool no início do século XX; 3) Caracterização da fonte primária: os *Archivos Paulistas de Hygiene Mental*. Além de teses/dissertações/artigos que relatem o consumo de álcool no início do século XX; 4)

Classificação e análise dos artigos publicados no início do século XX que abordam o tema alcoolismo.

Resultados e Discussão

Até o momento, foram encontrados cinco trabalhos científicos produzidos e publicados no Brasil que apresentam a relação dos temas alcoolismo e higienismo. O processo de levantamento está em andamento, desse modo, outros trabalhos científicos ainda podem acrescentar o estudo.

Em um desses estudos de autoria de Costa (2006), na cidade de Fortaleza durante os anos de 1916 a 1930 a preocupação com o alcoolismo surge simultaneamente a determinação da relação entre trabalho e sobriedade como direito básico do projeto civilizador para a urbanização. Sendo que, a campanhas médicas e ação repressiva da policia desvelam a compreensão acerca da embriaguez uma patologização e criminalização. Logo, não havia nenhuma distinção entre o consumo moderado e o patológico, sendo considerado perigoso consumir bebidas alcoólicas.

Assim, a abstinência e a proibição são classificadas como medidas ideais para eliminar os danos causados pelo consumo de álcool. De acordo com o autor, havia no Ceará no início do século XX um grupo de intelectuais católicos participantes do Instituto Histórico do Ceará, que afirmavam, por meio de uma ação moralista, ideais civilizatórios. Além disso, esses intelectuais atuavam em conjunto a LBHM nas campanhas antialcoólicas. E havia mais que um combate ao alcoolismo e sim uma forma de concretizar a profilaxia das patologias e condutas consideradas desviantes.

Costa (2006) afirma que o ato de beber envergonhava aqueles que zelavam pela civilização, sendo a bebida alcoólica, no inicio do século XX, caracterizada como um veneno, além de um problema hereditário, ou seja, além de gerar descendentes alcoólicos, os alcoólatras geram também um montante de excluídos das normas de conduta dos higienistas. Então, se caracteriza como questão pública o consumo de álcool, por já estar nessa época o álcool associado a criminalidade. Costa (2006) pontua que Barão Studart - conferista no ano de 1916 na semana antialcoólica - utiliza seu discurso médico para afirmar uma moral civilizada, em que o operário sóbrio é o modelo ideal. Ao lado da força dos médicos havia

também a da policia que visava combater a embriaguez que gerava desordem, sendo a embriaguez pública caracterizada como uma condição daqueles considerados inferiores na sociedade.

Em relação aos *Archivos Paulistas de Hygiene Mental*, observa-se que da totalidade dos 33 artigos publicados, 27 tratam ou citam o tema alcoolismo. Assim, 82% dos capítulos abordam a temática do alcoolismo, o que comprova que no inicio do século XX a Liga Paulista de Higiene Mental manifestava preocupação as questões relacionadas ao abuso do álcool.

A seguir, em um catálogo foram classificados os temas que foram relacionados ao alcoolismo pela Liga Paulista de Higiene Mental, nos *Archivos Paulistas de Hygiene Mental*, publicados durante os anos de 1928 a 1930.

Temas discutidos nos <i>Archivos Paulistas de Hygiene Mental</i>	Quantidade de capítulos que abordam ou citam o tema alcoolismo
Psicopatas e Alienados	3
Profilaxia	7
Higiene do espírito	1
Imigração	1
Perigos do alcoolismo	4
Sistema nervoso	1
Gravidez	1
Conferências/Palestras na Rádio Educadora Paulista	3
Esporte	1
Trabalho	2
Infância	1
Hereditariedade	1
Álcool-motor	1
TOTAL	27

Como podemos observar, o alcoolismo foi tratado sete vezes em artigos que tratavam de ideais profiláticos. Já em quatro capítulos foram específicos aos perigos do alcoolismo. Em três capítulos foram abordados o tema Psicopatas e alienados, assim como os capítulos das conferências na Rádio Educadora Paulista. Em dois capítulos que tratavam sobre o trabalho

foram encontrados o tema alcoolismo relacionado. Além disso, em apenas em um capítulo foi relacionado o alcoolismo nos temas a seguir: higiene do espírito, imigração, sistema nervoso, gravidez, esporte, infância, hereditariedade e álcool-motor.

Considerações Finais

Os artigos levantados, que relacionam alcoolismo e higienismo, demonstram que durante o início do século XX havia preocupação por parte dos higienistas em relação ao consumo de álcool, pois acreditavam que para o bem da civilização era necessário que os homens das mais baixas camadas sociais se afastassem do vício do álcool. Além disso, os higienistas apontavam que o consumo de álcool era um fator que causava além do crime a loucura, a epilepsia e os suicídios.

Sendo assim, podemos observar que os intelectuais da cidade de fortaleza em conjunto com os higienistas, no período de 1916 a 1930, caracterizavam o consumo de álcool como um fator que levava a doenças, além de ser uma conduta desviante. Para esses, a abstinência total seria a medida aceitável para acabar com os problemas gerados pelo consumo de álcool, visto que não havia diferenciação do consumo moderado do excessivo. Aqueles pertencentes as classes mais empobrecidas representavam uma categoria propensa ao vício e a desordem, e isso impedia a civilização moral.

Em relação aos *Archivos Paulistas de Hygiene Mental*, o tema alcoolismo é tratado em mais da metade dos artigos. Sendo que o consumo de álcool foi mais relacionado - entre todos os capítulos - a questões profiláticas. Portanto, o combate ao abuso no consumo de álcool era considerado pelos higienistas paulistas uma forma eficaz para diminuir e prevenir a sociedade dos avaliados de conduta desviante, ou seja, aqueles que não possuíam uma postura civilizada.

Referências

Costa, R. M. L. (2006). *Vício e vadiagem: práticas transgressoras frente a medicalização e a criminalização do uso do álcool em Fortaleza (1916-1930)*. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em História) - Universidade Estadual do Ceará, Ceará.

Duarte, P. C. A. V., Stempliuk, V. A., Barroso, L. P. (2009). BRASIL. *Relatório brasileiro sobre drogas* (pp. 109-303). Brasília: SENAD.

Maestri, M. (2011). As campanhas antialcoólicas nas escolas primárias- nas décadas de 20 e 30 do século XX no Brasil. In M. L. Boarini (Org.). *Raça, higiene social e nação forte mitos de uma época* (pp. 129-156). Maringá: Eduem .

Malbergier, A., Oliveira, H. Jr., Amaral, R. A., Oliveira, L. G., Andrade, A. G. (2010). Comportamentos de risco: exposição a fatores sexuais de risco e ao beber e dirigir. In A. G. Andrade, P. C. A. V. Duarte & L. G. Oliveira (Orgs.), *I Levantamento Nacional sobre o Uso de Álcool, Tabaco e Outras Drogas entre Universitários das 27 Capitais Brasileiras* (pp. 151-169). Brasília: SENAD.

Paula, F. C.; Pechansky, F. & Machado, V. (2010). Um breve histórico da relação entre álcool e trânsito no Brasil. In F. Pechansky, P. C. A. V. Duarte, R. B. Boni (Orgs.), *Uso de bebidas alcoólicas e outras drogas nas rodovias brasileiras e outros estudos* (pp. 20-23). Porto Alegre: Secretaria Nacional de Políticas sobre Drogas.